CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
FRANK BORZAGE – O LUGAR MAIS SAGRADO
19 de novembro de 2026

BACK PAY / 1922
(*Arrependimento*)

um filme de FRANK BORZAGE

Realização: Frank Borzage / *Argumento*: Frances Marion, baseado no romance de Fannie Hurst / *Direção de fotografia*: Chester A. Lyons / *Cenários*: Joseph Urban (não creditado) / *Intertítulos*: Grace Waller / *Interpretação*: Seena Owen (Hester Bevins), Matt Moore (Jerry Newcombe), J. Barney Sherry (Charles G. Wheeler), Ethel Duray (Kitty), Charles Craig (Speed) e Jerry Sinclair (Thomas Craig).

Produção: Cosmopolitan Productions para a Paramount (EUA, 1922) / Cópia: da Library of Congress, 35mm, preto e branco com tintagens, formato de imagem 1.37:1, muda, com intertítulos em inglês, legendados eletronicamente em português / *Duração*: 84 minutos a 21 imagens por segundo / *Estreia mundial*: 12 de fevereiro de 1922, em Nova Iorque / *Estreia em Portugal*: 5 de abril de 1923 / *Primeira apresentação na Cinemateca*: 11 de maio de 1990 ("Ciclo Frank Brozage").

Acompanhamento ao piano por Filipe Raposo

Back Pay é a segunda das quatro incursões de Borzage no universo dessa rainha do melodrama "weepie" que foi Fanny Hurst. A primeira foi em **Humoresque** (1920, o filme que revelou Borzage). No mesmo ano de **Back Pay** inspirar-se-ia nela mais uma vez para **The Good Provider** (filme hoje desaparecido), e no ano seguinte voltaria de novo para o belíssimo **The Nth Commandment** (1923).

O que espanta de imediato em **Back Pay** é a sua semelhança com a obra-prima de Charles Chaplin feita no ano seguinte, **A Woman of Paris**. Como este é uma história de amor e sacrifício de uma "kept woman", vivendo num mundo sofisticado, de luxo e prazer, de repente confrontada com a morte do seu amor de infância. Mas a diferença está no tom (e a semelhança, essencialmente, na relação de Hester com o banqueiro que a protege, em particular na sequência em que este acede ao pedido de Hester para casar com o moribundo Jerry). Para Borzage a questão social pouco importa, é apenas o campo onde esse amor vai ser posto à prova, como os ambientes de miséria de **The Seventh Heaven** (1927) e **Man's Castle** (1933), e os períodos de crise de **Little Man**, **What Now?** (1934) e **Three Comrades** (1928).

Em relação a **Humoresque**, **Back Pay** representa um salto em frente na construção do universo melodramático de Borzage. As imagens tomam uma forma mais lírica, desenvolvendo por várias sequências o sentido de transcendência do plano da janela e do "milagre" do filme anterior. O par sob as árvores prenuncia as sublimes imagens de **Song o'**

My Heart (1930), **The River** (1928) e **Little Man, What Now?** com sentidos que se completam entre a esperança dos primeiros encontros e a nostalgia dos segundos, quando Hester regressa à aldeia após o seu "triunfo" na grande cidade.

A divisão de Hester é colocada logo ao começo, na pensão em que vive, com o lugar que ocupa à mesa: um centro que é também um lugar de dispersão, dividindo o ecrã em duas partes. E aqui se define uma constante no cinema de Borzage: o que lhe importa sempre é apenas a relação dos dois seres, servindo o resto para a pôr à prova.

O exemplo mais flagrante, já testemunhado em **Humoresque**, e que se torna um *leit motiv* nos filmes futuros, é a guerra. Mais uma vez ela está reduzida ao mínimo essencial para justificar a sua aparição no filme (**Lazybones** [1925]), e explicar o que provocou a doença e cegueira de Jerry. Se em **Humoresque** ela está mesmo elidida, neste caso limita-se a dois planos. E de novo Borzage mostra um talento peculiar para extrair de um rosto de mulher todas as suas emoções sem resvalar para o ridículo. Seena Owen (a princesa da Babilónia em **Intolerance** [1916], de David Wark Griffith, e que aparece também na **Queen Kelly** [1929], de Erich von Stroheim) tem aqui o que é, possivelmente, o melhor trabalho da sua carreira.

E Borzage encena, com mãos de mestre, com o seu sentido de simetria na tela, as sequências mais delirantes, como a morte de Jerry num quarto cujo cenário prepara o de **A Farewell to Arms** (1932) e o desse delirante e incomparável **Liliom** (1930).

Manuel Cintra Ferreira